

2015/08/31

## A nova Marinha da Argélia

*Alexandre Reis Rodrigues*

Entre 2005 e 2009, a Argélia, Marrocos, Tunísia e Líbia, no conjunto, foram responsáveis por 3% do total mundial de aquisições de armamento, um período em que o volume das importações em toda a África cresceu 62% em relação a 2000/2004. A Argélia, muito justamente mencionada em primeiro lugar, representou 89% do investimento total do conjunto norte-africano acima referido. Como grande parte do financiamento foi direcionado para o reequipamento da Marinha, ramo onde, por regra, as aquisições de novas plataformas demoram no mínimo uma década, os resultados práticos do esforço feito estão agora a ficar à vista.



Quem não acompanha regularmente estes assuntos ficará surpreendido pela dimensão e qualidade do reequipamento naval e, certamente, intrigado sobre os possíveis propósitos estratégicos.<sup>1</sup> O objetivo deste artigo é tentar perceber o enquadramento em que este processo foi concebido, já que, obviamente, é matéria que interessa a Portugal conhecer.

Como pontos de destaque, há a mencionar três programas de aquisição principais.



Cinco novas fragatas (duas da classe MEKO, em construção na Alemanha, e três da classe C28 A<sup>2</sup>, em construção na China – esquema ao lado), o novo navio de assalto anfíbio de 8800 toneladas (ver imagem no início deste texto), construído em Itália (classe S.

Giorgio) e já entregue à Marinha argelina (setembro de 2014) e dois novos submarinos (classe Kilo 636), um dos quais já entregue. Complementarmente, têm vindo a ser executados diversos programas de modernização de outras plataformas.

<sup>1</sup> Contra a tendência, que se tem acentuado, de os países tornarem transparentes as suas políticas de defesa, nomeadamente através da publicação de livros brancos da defesa, a Argélia disponibiliza reduzida informação. Esta circunstância torna muito difícil conseguir um ponto de situação suficientemente seguro, porque as notícias e informações que aparecem em fontes abertas são frequentemente contraditórias e, regra geral, incompletas.

<sup>2</sup> Construídas sob o desenho das P 22 Zulfiqar que foram fornecidas ao Paquistão, que adquiriu quatro segundo contrato assinado em 2006. Têm 123 metros de comprimento e 2800 toneladas de deslocamento. Embarcam um helicóptero em hangar. Estão classificadas como fragatas ligeiras mas alguns setores usam a designação de corveta, como é o caso do diagrama acima.

Numa análise operacional deste reequipamento, o primeiro aspeto que salta á vista, é a aposta feita na componente anfíbia, já que o novo navio vem em acréscimo de dois navios de desembarque de 2450 toneladas que foram sujeitos a um processo de modernização. No seu conjunto, os três navios poderão transportar e apoiar um elemento de desembarque de cerca de 800 efetivos, 50 veículos, seis lanchas de desembarque e oito helicópteros. São números de alguma forma importantes mas, como se sabe, uma capacidade anfíbia credível não se constrói apenas com números. Precisa também de qualidade o que, podendo estar na nova plataforma, dificilmente estará no pessoal se não houver garantia de apropriada especialização.

Se essa especialização existe ou não é algo que não se conseguiu apurar definitivamente, Segundo um estudo elaborado no âmbito do *Center for Strategic and International Studies*<sup>3</sup>, a Argélia não dispõe de fuzileiros mas a *Global Security*<sup>4</sup> faz referência a um *Batallion de Fuziliers Marins* embora não lhe reconheça capacidade de assalto anfíbio. Esta limitação pode resolver-se num relativamente curto espaço de tempo mas, enquanto perdurar, exclui o emprego destes meios em operações exigindo perícias anfíbias em cenários de confrontação. Ou seja, ficam limitados a finalidades de natureza humanitária e simples transporte e apoio marítimo de tropas (funções essencialmente logísticas). Será muito estranho se esta situação não se alterar proximamente, mas o historial dos programas de reequipamento militar mostram várias inconsistências deste tipo. Veremos o que acontece desta vez.

O segundo elemento de destaque é o conjunto de cinco novas fragatas que juntando-se às três fragatas russas da classe Koni (entretanto também modernizadas) formarão uma força de superfície que revela uma ambição que vai bem para além do que é tradicional esperar da marinha de uma pequena potência em relação à defesa das suas costas e proteção dos seus interesses diretos no mar.

A Argélia apresenta o seu sistema de forças navais segundo a fórmula clássica (força submarina, força de superfície, força de ação aeronaval – helicópteros - e força de defesa costeira, incluindo esta última baterias de mísseis, artilharia de costa e forças de operações especiais). No entanto, uma leitura operacional da totalidade de meios disponíveis revela o potencial para a organização de uma capacidade de projeção de força que não existe nos outros países da região. Isto é, inclui para além do elemento de transporte e apoio do elemento de intervenção em terra, os elementos de escolta de superfície, subsuperfície e aérea (helicópteros embarcados).

Não obstante a Rússia continuar a ter um papel de fornecedor relevante, dominando a componente submarina (quer em novas construções, quer em modernizações das existentes)<sup>5</sup> e o setor dos navios de superfície de pequena dimensão (Nanuchka e Osa II), para além das três fragatas atrás referidas

---

<sup>3</sup> "The North African Military balance – Force Developments and Regional Challenges", Anthony Cordman and Aram Nerguizian (CSIS)(2010)

<sup>4</sup> <http://www.globalsecurity.org/military/world/algeria/navy-fusiliers.htm>

<sup>5</sup> A eventual opção por outro modelo ou proveniência de submarino iria tornar muito mais complexa a já difícil adaptação dos processos de formação do pessoal em resultado da entrada ao serviço de novos navios de superfície tanto mais porque o processo de formação na operação e manutenção de submarinos da classe Kilo encontra-se consolidado. Os dois primeiros submarinos da classe recebidos em 1983 foram adaptados para escola e treino do pessoal.

(modernizações), este programa de reequipamento configura uma transição do modelo russo para um modelo mais ocidentalizado.

Esta opção merece destaque, porque dadas as limitações que enfrenta o setor de construção naval na Rússia, permite um modelo mais à altura dos desafios que se põem hoje no Mediterrâneo, quer em termos de segurança marítima, quer em termos de segurança regional. A primeira é, certamente, uma preocupação principal da Argélia - como país exportador de gás e petróleo e com planos para aumentar a sua produção - face ao objetivo de garantir o trânsito seguro do tráfego de navios tanques que crescerá. Na segunda perspetiva, avultam destacados, como preocupações de segurança, o problema da Líbia - onde vários portos estão sob o controlo dos rebeldes - seguido da instabilidade que ainda se vive na Tunísia (islamismo radical) e o problema do Saara Ocidental que representa um ponto de discórdia com Marrocos.

A postura regional que a Argélia dá sinais de querer adotar fica mais clara se atentarmos a uma recente conferência do ministro dos Negócios Estrangeiros (Ramtane Lamamra), em Washington (no CSIS), em que centrou o discurso à volta da ambição de que a Argélia passe a ser um país capaz de não só produzir segurança - estatuto que considera já ter uma vez que eliminou o extremismo - como também de exportar segurança. Os propósitos, então referidos pelo ministro, foram a continuação da luta contra o terrorismo, a procura de uma solução de reconciliação nacional na Líbia - objetivo para que a Argélia se considera mais qualificada do que qualquer outro país da região - e, finalmente, a resolução da crise que grassa no Sahel.

Para além destes propósitos, presume-se que estará também presente, embora não mencionada, a preocupação argelina de não permitir que a situação de vantagem que tem na região, como potência militar dominante, se altere no campo naval em consequência dos esforços de modernização a que Marrocos tem submetido a sua Marinha, incluindo novas fragatas (três fragatas multipropósito na Holanda e uma fragata FREMM em França) e quatro novos navios de patrulha oceânicos. Quer esta possível razão, quer a pretensão de protagonismo regional atrás referida, não poderiam deixar de passar por uma maior aposta naval.<sup>6</sup> É mais um sinal de que as corridas aos armamentos navais não vão ficar confinadas, como se pensava inicialmente, à região Ásia/Pacífico. Vão ocorrer também aqui na nossa área próxima de interesse.

Depois de uma década de guerra civil extremamente violenta (150000 mortos) a combater o islamismo radical, hoje faz sentido que a Argélia se preocupe hoje com a segurança numa dimensão regional. A questão que se lhe põe é complementar a estratégia que lhe permitiu escapar à onda de contestações associadas às "Primaveras Árabes" e ao



<sup>6</sup> Esta situação está na linha de uma tendência geral de colocar uma maior ênfase no uso de poder militar com base em plataformas navais. Segundo a *AMI International*, estão previstos 800 mil milhões USD de investimentos globais em programas de reequipamento naval, nas próximas duas décadas.

regresso do islamismo - que combatem desde 1980 – com uma linha de ação que ajude a combater a instabilidade que se mantém na vizinhança próxima. Ao nível interno, malgrado enfrente os mesmos desafios políticos e sócio-económicos que despoletaram instabilidade nos vizinhos, a Argélia tem tido suficiente sucesso em aplacar os descontentamentos, reduzir as influências religiosas e manter os argelinos resignados, senão mesmo satisfeitos, com a sua situação apesar das imperfeições do regime.<sup>7</sup>

É este conjunto positivo de circunstâncias que permite agora avançar para um ambicioso programa naval que está a chamar a atenção internacional. O assunto não fica completo, no entanto, se, entretanto, não forem corrigidos alguns aspetos que, no passado, não permitiram uma avaliação sem pontos negativos e que, a persistirem, comprometerão a credibilidade de todo este processo. Estou a referir-me á avaliação que se fazia em 2010 no *North African Military Balance* e que considerava que o desempenho operacional em geral, a prontidão e o treino eram pobres («*poor operational performance, overall readiness, training and equipment quality*»). Este programa de reequipamento resolverá uma das vertentes da apreciação acima referida (*equipment quality*) mas falta ver como evoluirão os outros parâmetros de apreciação.

O desafio é grande por dois motivos. Primeiro, porque uma análise de anteriores programas - segundo os analistas - mostra que nunca foi bem resolvida a inconsistência resultante de uma alternância de prioridades entre o material e o pessoal, quando o recomendável seria uma aposta equilibrada nas duas vertentes.<sup>8</sup> Até que ponto esta deficiência é reconhecida pelos atuais responsáveis é assunto que não está clarificado de momento. Segundo, porque com os novos meios vem um enorme desafio na área da formação do pessoal de operação e de manutenção, quer pelo salto tecnológico que acompanhará a entrada ao serviço das fragatas MEKO, quer pela diversidade de proveniência dos equipamentos e sistemas (cinco países: Alemanha, China, Itália, Rússia e Reino Unido).

Se estes desafios forem resolvidos, a Argélia, com este programa de reequipamento naval, introduzirá um elemento no equilíbrio de forças no Magrebe a que nenhum país da região ficará indiferente.

---

<sup>7</sup> "What's next for Algeria?", 14 May 2014, CSIS Maghreb Roundtable.

<sup>8</sup> Até ao final da década de oitenta, os investimentos foram canalizados quase exclusivamente para o material com óbvia negligência da formação do pessoal. Entre o princípio da década de noventa e o início do século XXI, período em que o país esteve imerso numa feroz guerra civil, foi precisamente ao contrário. Apostou-se quase exclusivamente no pessoal com o prejuízo do material que ficou subfinanciado.